

# Febre aftosa: uma guerra sem fronteiras

DA REDAÇÃO

**N**atural de Uberaba, o zootecnista João Gilberto Bento está de volta ao Triângulo Mineiro, depois de passar 15 anos em São Paulo, onde ajudou a construir uma das primeiras parcerias público-privadas do Brasil.

Ao unir pecuaristas, técnicos e o governo estadual na guerra contra a febre aftosa em São Paulo, o Fundep (Fundo de Desenvolvimento da Pecuária do Estado de São Paulo) se tornou uma espécie de modelo na área de defesa sanitária e se espalhou pelo País afora.

Para João Gilberto, que hoje comanda a área de marketing da Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ), a guerra contra a febre aftosa não é apenas técnica, mas, principalmente, diplomática.

"Vírus não fala espanhol, nem inglês, nem português. Não usa passaporte e pode chegar pelo ar, no pneu de um carro, na palha do caminhão. Você não consegue fazer um controle eficiente da doença se não houver a integração entre todos os países da América do Sul", diz o superintendente da ABCZ.

**Agroanalysis - Quando o Brasil vai finalmente conseguir der-**



Fotos L. Adolfo/Abcz

te, Sudeste, Centro-Oeste. Excluindo o circuito Norte, onde os problemas são esporádicos, e o Nordeste, onde a situação é pior, a doença está praticamente controlada no País. É verdade que há também um flanco representado pela grande faixa de fronteira com a Bolívia e o Paraguai. É uma área enorme, onde a relação comercial é intensa.

**Agroanalysis - O trabalho realizado pelos pecuaristas e pela defesa sanitária é eficiente?**

**João Gilberto**

**rotar a febre aftosa?**

**João Gilberto Bento** - O Brasil está vencendo a aftosa na maioria dos grandes circuitos pecuários - Sul, Les-

- O Brasil vem fazendo um trabalho extraordinário nesta área. Basta ver os números. Nos anos 70, tivemos cerca de 75 mil focos de febre aftosa. Na

década de 80, o número de focos caiu para 26 mil; para 7.500, nos anos 90, e de 2000 para cá, houve no máximo 50 focos.

**Agroanalysis - Por que então um foco restrito como o que ocorreu recentemente em Mato Grosso do Sul causa tanto barulho?**

**João Gilberto** - Por causa da liderança brasileira nas exportações de carne bovina e também porque a questão sanitária e a segurança dos alimentos se tornaram valores importantes para o consumidor. A sensibilidade do mundo hoje para as questões sanitárias é enorme. Há um grande medo no inconsciente coletivo de que venha a ocorrer uma epidemia como a da gripe espanhola, principalmente diante dos casos da gripe asiática. Já a febre aftosa acabou ganhando grande espaço na mídia por outros motivos. É que hoje existe uma consciência do brasileiro de que a aftosa é uma doença que traz prejuízos ao País, ao reduzir a receita com as exportações de carne bovina.

**Agroanalysis - Houve exagero da mídia na cobertura do foco de aftosa em Mato Grosso do Sul?**

**João Gilberto** - Nos anos 90, ocorreram 75 mil focos de febre aftosa no País e não me lembro de ter visto nenhuma notícia sobre a doença no Jornal Nacional. Houve uma supervalorização deste foco em Mato Grosso do Sul. Foi uma cobertura emocional. Quem tem conhecimento de epidemiologia sabe que o foco não foi tão importante. Do ponto de vista comercial, porém, a

coisa foi séria. O prejuízo deve chegar a US\$ 1,5 bilhão.

**Agroanalysis - Como fazer para evitar a contaminação do gado nas áreas de fronteiras?**

**João Gilberto** - Além de técnica, a guerra contra a febre aftosa tem um princípio diplomático. O vírus da aftosa não fala espanhol, nem inglês, nem português. Não usa passaporte e pode chegar pelo ar, no pneu de um carro, na palha do caminhão. Você não consegue fazer um controle eficiente se não houver integração entre os países vizinhos. E não estamos pensando somente em proteger o Brasil dos países vizinhos, mas também proteger nossos vizinhos do Brasil. O combate à aftosa deve ser hemisférico. Já existe um trabalho iniciado neste sentido, coordenado por Sebastião da Costa Guedes, do Conselho Nacional de Pecuária de Corte. Metade do prejuízo que este foco de aftosa vai causar ao País seria suficiente para se fazer uma grande ação hemisférica para controlar e erradicar a doença. O vírus que transita naquela área de fronteira pode estar alojado no Brasil ou no Paraguai.

**Agroanalysis - As perdas decorrentes do**

**"Quem tem conhecimento de epidemiologia sabe que o foco não foi tão importante. Do ponto de vista comercial, porém, a situação foi séria. O prejuízo deve chegar a US\$ 1,5 bilhão"**

**embargo à carne brasileira estão sendo calculadas em US\$ 1,5 bilhão. Esse valor considera somente as exportações?**

**João Gilberto** - Ele não inclui os prejuízos causados pela suspensão de leilões, trânsito de animais, as perdas diretas de Mato

Grosso do Sul, entre outros.

**Agroanalysis - O mundo tem de quem comprar a carne bovina que está deixando de importar do Brasil?**

**João Gilberto** - Aparentemente, não. As últimas informações de que dispomos mostram que os países fornecedores de carne bovina já estão operando no limite de sua capacidade. São rebanhos que não crescem horizontalmente. E a taxa de desfrute na Austrália, nos EUA, na Europa e no Canadá, na faixa de 30%, deve permanecer assim. A última grande fronteira da carne bovina é o Brasil e os seus vizinhos. Há também indícios de uma recuperação do consumo de carne bovina no mundo, que caiu depois da ocorrência do mal da vaca louca.

**Agroanalysis - Como a Associação Brasileira dos Criadores de Zebu (ABCZ) reagiu à volta da febre aftosa a Mato Grosso do Sul?**

**João Gilberto** - A ABCZ no início ficou muito preocupada, mas manteve em todos os momentos uma posição bastante cautelosa. A entidade não supervalorizou o foco, por entender que ele estava concentrado

**"A boa notícia é que o Fundeppec de São Paulo vai ser revitalizado. Vai para a Faesp e está sendo relançado com um novo formato. A parceria com o governo estadual será retomada"**

naquela região de Alto Paraíso. A ABCZ confiou nas ações do governo federal. A entidade também está confiante de que os produtores estão vacinando os seus rebanhos. Os números mostram que o rebanho brasileiro tem um nível alto de imunidade. Se não tivesse, certamente o vírus se espalharia pelo País.

**"A renovação do quadro profissional dos Estados na área de vigilância sanitária tem sido muito lenta. Há estados que não contratam novos veterinários há 15 anos"**

que não foram vacinados. Ainda não temos esta informação, porque o Ministério ainda não a disponibilizou. Mas é importante que nós saibamos o que aconteceu, porque esta informação tem um sentido até didático. Precisamos saber a origem do problema.

**Agroanalysis - Como o senhor avalia o papel do Ministério da Agricultura?**

**João Gilberto** - O Mapa, desde os anos 60, delega às secretarias estaduais de agricultura o controle sanitário do rebanho. É uma medida acertada. De Brasília, você não consegue controlar o rebanho nacional. É melhor que cada região cuide do seu rebanho. Mas cabem ainda ao Mapa algumas ações fundamentais: repassar os recursos, auditar os serviços executados pelos Estados, manter os laboratórios de análise sorológica. E também cabe ao Ministério determinar a política de vigilância. É óbvio que o Ministério vem cumprindo o seu papel, mas ele poderia estar estimulando o investimento em informatização do serviço público. Mais ainda: o Mapa deveria pressionar os Estados para que eles promovam uma renovação do seu quadro técnico. O Mapa é uma espécie de guardião da defesa sanitária. A renovação do quadro profissional dos Estados na área de vigilância sanitária tem sido muito lenta. Há estados que não contratam novos veterinários há 15 anos. A faixa etária do quadro de veterinários nestes Estados já está acima dos 50 anos. É fundamental passar a experiência dos que estão saindo para os que ingressam no serviço público. Esta transferência de experiência é muito importante. Assim como é fundamental o ingresso de gente nova nesta área. Eles trazem as novas linguagens, como a informática. Um veterinário jovem não trabalha mais com ficha de papel. Ele dá um jeito de arrumar um computador velho, faz um *upgrade*, mas não trabalha com papel. ■

**Agroanalysis - O senhor trabalhou durante 15 anos no Fundepec, entidade criada em 1991 para combater a aftosa em parceria com a Secretaria da Agricultura de São Paulo. Essa espécie de parceria público-privada se proliferou País afora e serviu de modelo para o controle da doença em outros Estados. Os Fundepecs continuam funcionando?**

**João Gilberto** - Na maioria dos Estados, as parcerias estão funcionando muito bem, exceto em São Paulo, onde o convênio entre a Secretaria da Agricultura e o setor privado foi rompido em 2000. Mas a boa notícia é que o Fundepec em São Paulo, que serviu de modelo para todo o País no combate à aftosa, vai ser revitalizado. O

Fundepec de São Paulo vai ganhar novas instalações na Faesp e está sendo relançado com um novo formato. Até a parceria com o governo estadual será retomada, embora o Fundepec vá continuar como um órgão independente. Os Fundepecs em todo o Brasil estão adotando uma linha diferente, mas continuam eficientes, como os do Pará, Paraná, Goiás, Mato Grosso. Todos eles estão bem estruturados.

**Agroanalysis - O que aconteceu em Mato Grosso do Sul? Foi falha da vigilância sanitária ou do produtor?**

**João Gilberto** - Naturalmente, houve um descuido. O foco não acontece espontaneamente. Ou os animais não foram vacinados ou a vacina não foi bem conservada, ou vieram de fora animais